

O ESTRANGEIRO, A NOIVA E O POÇO: ANÁLISE DE UMA HISTÓRIA SAGRADA DA TORAH

Michelle de Kássia Fonseca Barbosa

Introdução

Narrativas míticas tendo como enredo uma mulher que se dirige a uma fonte de água e lá encontra um deus em forma de homem, ou o contrário, um homem que se dirige a uma fonte de água e lá encontra uma deusa em forma de mulher, é recorrente em inúmeros povos ao longo dos tempos: Enkidu e a sacerdotisa no poço de Edim, Gilgamesh e Siduri, as histórias do deus Enki que fundava fontes de água, atraindo mulheres e as seduzindo (Mesopotâmia); A história do boto na Amazônia brasileira; o casamento de Radha e Krishna, e de Shiva e Parvati (extremo Oriente); os casamentos dos antigos egípcios em tanques de água; o casamento de Medeia e Jasão do rio fasis (mito grego); entre diversos outros exemplos.

A sexualidade nestas narrativas, seja de forma implícita ou explícita, é normalmente detectada. Bachelard no livro *A água e os sonhos* nos informa que em alguns destas narrativas, o representante do sexo oposto às vezes manifesta-se em forma de um animal, citando o exemplo de cisnes que nadam e são observados ou de alguma forma entram em contato com o personagem antropomórfico, se homem, o cisne é uma mulher, se mulher, o cisne é um homem. Cobras ou peixes também são animais detectados em algumas versões.

Nestas narrativas é possível identificar como elementos presentes um representante dos princípios masculino e feminino; a presença de água; a presença de um bosque. O cenário ou espaço sagrado seria a natureza – bosque e rio. Há uma comunicação sagrada – hierofania. A narrativa aparenta ter característica de um arquétipo, pois a matriz homem, mulher, água, sexualidade, sagrado, se apresenta em várias narrativas.

É possível identificar um rito que conduz a encenação: apresentação do cenário; apresentação dos personagens; uma mulher/ou um homem que se dirige a uma fonte de água; uma comunicação visual e auditiva entre os personagens de sexos opostos; a exposição de sentimentos de angústia, como o medo da morte; uma solução que responde a esta angústia; oferenda ou troca de bens; sexualidade, implícita ou explícita; desfecho.

Histórias contando o encontro de um homem e uma mulher em uma fonte da água, tendo conotação sexual/sagrado, ou seja, casamento sagrado é recorrente em várias culturas, Jung (1978, p. 56) define este fenômeno como “imagens primordiais” produzidas por uma consciência mítica universal tendo suas raízes no “inconsciente coletivo”, são

certas imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos de mitos. Os temas arquetípos provêm, do espírito humano e são transmitidas por tradição, migração e herança, porém, estas imagens arquetípicas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer tradição direta.

Nesta pesquisa fazemos um recorte dentre tantas histórias com estas características acima apresentadas. Analisamos a narrativa recorrente em três histórias bíblicas – o encontro das matriarcas Rebeca (Gênesis 24), Raquel (Gênesis 29) e Séfora (Êxodo 2) em um poço -, que possuem redundâncias, e a presença de uma mesma imagem, enredo e mito. Vamos além da descrição, adentrando “no esteio de uma hermenêutica simbólica, mas precisamente na mitohermenêutica¹”.

As histórias bíblicas objeto de nossa investigação teriam sido escritas entre o êxodo egípcio e o exílio babilônico e dariam o testemunho de crenças, práticas rituais, costumes de uma época, sendo estes elementos objeto de estudo da antropologia. Empregando uma análise pela perspectiva antropológica, uma rica fonte de informação sobre os antigos israelitas foi revelada, pois, orientados pela perspectiva de que uma imagem diretora, um povo constrói e promove sua estrutura social, decisões e ações.

Os filhos de Abraão foram responsáveis pelo surgimento de três religiões – judaísmo, cristianismo, islamismo. O que foi pregado por seus líderes religiosos – crenças, mitos, entre outros -, através de seus fiéis, teria influenciado a formação e influenciaria a dinâmica social do mundo ocidental, portanto, estudar a base/origem destas crenças e mitos, se torna necessária.

Na Bíblia observamos nas histórias do encontro das esposas de Isaac, Jacó e Moisés: uma imagem mítica; um mesmo enredo; e um mito. Este trabalho tem por objetivo destacar e analisar estas características. Justificamos a pesquisa na busca por significado de uma história sagrada da Antiguidade que inspirou e instruiu um povo – hebreus-, e tornou-se tão relevante que foi registrada no seu principal livro sagrado.

A partir de Mircea Eliade, Gilbert Durand, Joseph Campbell, Arnold Van Gennep, Gershom Sholém, entre outros, percorremos um caminho onde é feita uma leitura destas três histórias bíblicas. A metodologia utilizada é a de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa tendo como referência a Bíblia hebraica e livros especializados em mito e símbolo, atentos para uma análise amparada na escola antropológica da religião.

Como resultados podemos destacar: Um cenário redundante – um casal que se encontra em um poço -, aludindo a um microcosmos e que remete a imagem de centro,

conforme Eliade – o poço como umbigo do mundo, que atrai as duas forças complementares (masculino e feminino) que promovem a criação; Um enredo que evolui para um desfecho - apresenta um estrangeiro que depois de longa viagem pára e descansa em um poço. Uma mulher o encontra. Há um diálogo entre eles. Há oferecimento de água. A mulher volta a sua casa e relata o ocorrido. O estrangeiro permanece no poço. Parentes da mulher vão ao encontro do estrangeiro e o convida para entrar. O estrangeiro permanece algum tempo com eles. Ocorre um casamento; O mito do andrógono primordial como justificativa para o casamento no judaísmo.

O cenário

Eliade estudou os textos da antiguidade e identificou as inúmeras semelhanças entre as narrativas. Para Eliade o mito nos fornece informações que provoca determinadas atitudes, ações, posições de pensamento, posturas. Identifica tempos, objetos e espaços especiais onde a narrativa mítica ocorre, estes elementos tornam-se consagrados e a estes o povo recorre no decorrer de um calendário para que possam ensinar mensagens aos novos membros, revelá-las ou apreender novas informações frutos de reflexões mais experientes.

Para Durand, o mito surge em primeiro lugar como um discurso que traz para o palco personagens, situações e cenários, sempre no campo com não-natural ou do não-profano que se situa o discurso mítico, esse discurso é segmentável em pequenas unidades semânticas a que Levi-Strauss chamou de mitemas. É possível identificar mitemas nas histórias das três matriarcas. Onde o principal deles é o poço.

No cenário redundante – um casal que se encontra em um poço -, percebemos alusão a um microcosmos que remete a imagem de centro, conforme Eliade – o poço como umbigo do mundo, que atrai as duas forças complementares (masculino e feminino) que promovem a criação. O poço estaria representado às águas primordiais tão presentes em diversos mitos cosmológicos que a partir dela todo o Universo é criado.

Conforme Gomes (Gomes; Gomes-da-Silva, 2010, p.98) as imagens se aglutinam, no imaginário, em torno de núcleos organizadores da simbolização, onde em cada núcleo, há uma força homogeneizante, ordenadora de sentido, que organiza semanticamente as imagens, dando destaque para o fato de que o imaginário não é um simples conjunto de imagens que vagueiam livremente na memória e na imaginação, mas sim uma rede de imagens na qual o sentido é dado na relação entre elas, as imagens se organizam de acordo com certa lógica e estruturação.

A imagem na qual nos referimos é a de um casal que se encontra em uma fonte de água e se unem para dar continuidade a atos de criação. Um arquétipo universal percebido em inúmeras histórias de vários povos ao longo da história humana.

Eliade (2008, p.296) afirma que foi nos espaços hierofânicos, que se operam as revelações primordiais, “foi ai que o homem foi iniciado”. Os rituais são a imitação e a reprodução dos gestos realizados *in illo tempore* pelos seres míticos nestes espaços sagrados.

O romeno (1992, p.22) defende a tese de que o homem constrói de acordo com um arquétipo. Um grupo de pessoas volta ao lugar onde julgam ter sido o berço dos seus antepassados, sempre que sente necessidade de renovar sua energia e sua vitalidade, sua fé e esperança. “Ai, nesta área, a hierofania repete-se. O lugar transforma-se, assim, numa fonte inesgotável de força e de sacralidade que permite ao homem gozar desta força e sacralidade. [...] O lugar nunca é ‘escolhido’ pelo homem; ele é simplesmente, ‘descoberto’ por ele. O espaço sagrado revela-se sob uma ou outra forma”.

O enredo

O segundo aspecto que analisamos das três histórias bíblicas do encontro das matriarcas em poços é seu enredo que evolui para um desfecho: apresenta um estrangeiro que depois de longa viagem pára e descansa em um poço; Uma mulher o encontra; Há um diálogo entre eles; Há oferecimento de água; A mulher volta a sua casa e relata o ocorrido; O estrangeiro permanece no poço; Parentes da mulher vão ao encontro do estrangeiro e o convida para entrar; O estrangeiro permanece algum tempo com eles; Ocorre um casamento. Nos atemos no simbolismo da aquisição da Shekiná ou noiva, da jornada em busca da esposa para os antigos israelitas e do estrangeiro.

Se observarmos o comportamento generalizado do homem arcaico, nós nos veremos diante do seguinte fato: nem os objetos do mundo externo, nem os atos humanos [...], têm qualquer valor autônomo intrínseco. “Os objetos ou atos adquirem um valor”. [...] São repetidos porque foram consagrados no começo [...] essa repetição consciente de determinados gestos paradigmáticos revela uma ontologia original [...] o gesto se reveste de significado, de realidade, unicamente até o ponto em que repete um ato primordial. [...] Cada ritual em um modelo divino, um arquétipo. (Eliade, 1992, p.17,18,29)

Os atos sociais e religiosos da comunidade de Israel possuem qualidades simbólicas. A realização de um rito de passagem, de um status para outro, para uma nova

realidade, nova perspectiva. A aquisição de uma esposa também teria um simbolismo sagrado entre os israelitas. Percebemos que o noivo vai à busca da noiva visando à salvação, a restauração da unidade perdida, o retorno ao Édem, o retorno as origens. Essa seria a motivação para a jornada e para a elaboração da história pedagógica.

Na comunidade de Israel, a vida mundana reflete o ritmo oculto da lei universal revelada na Torá [...] a comunidade terrena de Israel é formado segundo o arquétipo da comunidade mística de Israel. Tudo o que é feito pelo indivíduo ou pela comunidade na esfera mundana é magicamente refletido na região mais alta. Como uma expressão do Zohar, “o impulso de baixo chama o de cima”. (Scholem, 1972, p.234)

Uma das motivações para a aquisição de uma esposa é a crença de que um judeu não pode retornar ao paraíso sozinho, uma vez que, Adão e Eva foram expulsos do paraíso juntos, é apenas juntos que tem que retornarem. Foi em casal que entraram na arca do dilúvio e foi em casal que saíram para um novo começo. Esta crença teria levado muitos noivos a desenvolverem uma verdadeira jornada em busca de suas noivas.

A jornada do herói é um aspecto que chamou atenção de Joseph Campbell, que verificou e identificou o fato de que em inúmeros mitos alguns detalhes se repetem. Campbell analisando os mitos de heróis verificou que estes são levados a iniciar sua aventura tendo várias motivações.

A façanha convencional do herói começa com alguém que foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventura que ultrapassa o usual, quer para recuperar o que tinha perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com partida e o retorno. Este é o motivo básico e universal do herói, ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e madura. Evolui da posição de imaturidade psicológica para a coragem da auto responsabilidade. (Campbell, 1990, p. 132)

É comum identificar nas narrativas sobre sagas de heróis, um enredo contendo como elementos: a partida, a realização e o retorno. Muitos heróis precisam sair de sua casa ou cidade e empreender uma tarefa, no percurso encontrará muitos obstáculos, usa de faculdades como força, inteligência e dedicação para superá-los.

Diferentes mitologias apresentam mesmo esforço essencial. Ele deixa o mundo onde está e se encaminha em direção de algo mais profundo, mais distante, ou mais alto. Então atinge aquilo que estava faltando à sua consciência, no mundo anteriormente habitado. [...]. Feito típico do herói – partida, realização, retorno. (Campbell, 1990, p.137 e 144)

Uma análise simples nos faz perceber que as narrativas das matriarcas bíblicas desenvolvem-se em torno destes detalhes, entre eles, a partida, a realização e o retorno. Uma jornada de herói versão israelita, aos moldes do que é prescrito por Campbell.

Em todas as três histórias verificamos o detalhe da partida, onde por motivo de fuga ou busca os personagens masculinos se lançam numa jornada decisiva, cheia de conflitos internos, temores e inúmeros desafios. Realização quando encontram a noiva no poço e Retorno aos seus lugares de origem levando consigo uma mulher.

A jornada do noivo e da noiva revela um rito de passagem, onde ambos deixam de serem crianças e se transformam em adultos com responsabilidades diante da sua sociedade. Entre os israelitas, assim como em diversas culturas, ou se é adulto, ou se é criança, não há fase da adolescência.

O local de residência escolhido por um povo, não é aleatório. Há um significado para sua escolha. Compreendemos com Van Gennep (2011, p.41) que uma sociedade constitui um mundo sagrado, e que, portanto, aqueles que estão fora desta sociedade vivem em um mundo profano. “Daí porque algumas populações matam, roubam ou maltratam um estrangeiro, ou o temem, ou o tratam com indiferença”. Outras sociedades consideram o estrangeiro como um ser mágico, sagrado, dotado de poder.

Os limites geográficos do mundo de um povo são demarcados por marcos naturais, “um rochedo ou uma árvore, um rio ou um lago sagrados, que é proibido atravessar sob pena de sanções sobrenaturais”, Van Gennep (2011, p.33). Um estrangeiro não pode penetrar neste espaço reservado, caso insista estará cometendo sacrilégio.

Van Gennep destaca o detalhe de que o processo de relação com um estrangeiro compreende em ritos de contato, comunhão alimentar, de trocas, entre outros. O estrangeiro não pode penetrar imediatamente no território da tribo ou aldeia. “Devem comprovar de longe as suas intenções”. Estabelecido o contato vem o momento de troca de presentes e a entrada do estrangeiro na sociedade que se seguirá por ritos de agregação, entrada solene e refeições em comum (Van Gennep, 2011, p.42).

O estrangeiro é muitas vezes visto como alguém dotado de especialidades. Ele pode trazer graças divinas ou desgraças sendo o primeiro contato com este, cheio de cautela: ora

podendo ser feito com o envio de um grupo de guerreiros; ora pelo chefe; ora por mulheres. O envio de mulheres a estrangeiros tem um significado antropológico e simbólico: rito de agregação, sinal de amizade, busca por união, identificação, paz ou obtenção de filhos. “Na verdade, é um equivalente a comensalidade” (Van Gennep, 2011, p.47).

O processo ritual de um estrangeiro em contato com um povo, segundo Van Gennep (2011, p.42) consiste em parada, espera, passagem, entrada, agregação. Ele percebe o início do espaço geográfico de um povo: pára neste portal/limiar; espera o envio de intermediários especiais ou delegados escolhidos, e também para ser observado de longe; o intermediário e o estrangeiro realizam ritos de contado e agregação; o estrangeiro recebe a permissão para adentrar; um cortejo anuncia sua entrada; um banquete, uma casa e uma esposa lhe são oferecidos durante sua permanência.

O mito

Identificamos como mito norteador das três histórias o do andrógono primordial como justificativa para o casamento no judaísmo. O Talmud informa que os rabinos se reuniram para entender o porquê do livro de Gênesis ter dois momentos distintos que relatam sobre a criação do ser humano: no primeiro momento diz que Deus criou o homem e a mulher ao mesmo tempo, “macho e fêmea os criou”; no segundo momento diz que primeiro Deus criou Adão e a partir de uma costela deste teria criado a Eva.

O texto midrash palestino também cita o mito do andrógono original como uma solução para a contradição entre as duas histórias do Gênesis. Segundo estes textos midrashicos, o Adão original era uma criatura de dois sexos num só corpo. A narrativa do segundo capítulo contaria como as duas metades equivalentes do corpo original se dividiram. [...] O Rabino Yernia, filho de Eliazar, interpreta que quando foi escrito “homem e mulher os criou”, deus estaria criando um ser andrógono. Para o rabino Samuel, filho de Nahman, o primeiro ser humano era como um par de siameses, que mais tarde foi separado através de operação cirúrgica (Boyarin, p.54 e 55).

Um grupo de rabinos passou a interpretar que no primeiro momento é informado que Deus teria criado o ser humano andrógono, “macho e fêmea os criou”, ligados na altura da costela como gêmeos siameses e no segundo momento seria o registro de quando o Criador teria feito uma espécie de cirurgia onde separou Eva de Adão, criando assim dois seres. O casamento seria o reencontro destas “almas gêmeas”. Esta seria uma forma de contar a origem do casamento para o judaísmo.

Vários rabis interpretavam a criação de Gênesis 1 como um ente andrógono, dotado de um corpo, que seria separado posteriormente para formar os dois sexos. Os rabis viam o casamento e a relação sexual como um retorno ao estado primário e ideal do ser humano. [...] A opinião majoritária parece ser a de que quando a Torá afirma que “homem e mulher os criou”, isso significa que Deus criou um andrógono. Contudo, não há nenhum mecanismo dentro dos textos que permita suprimir a outra opinião. As duas visões são provenientes da mesma fonte e apresentam a mesma autoridade. (Boyarin, p.29-30 e 40)

De posse deste conjunto de informações percebemos que um tipo de mito estaria na origem de todas as três narrativas bíblicas objeto de nossa investigação. Trata-se de uma espécie de mito cosmológico, mesmo que aparentemente se manifeste em figuras antropomórficas.

Ao longo da pesquisa descobrimos que uma das formas de manifestação do sagrado, de acordo com o pensamento dos antigos, seria a *Coincidentia Oopositorum*. Um dos princípios de organização ou organizador do caos seria a alquimia/hierogamos/*coincidentia oppositorum*. Ele reafirma o plano do universo. Por tanto, tornou-se necessário conhecermos sobre este assunto.

O termo *Coincidentia Oppositorum*, de acordo com Eliade, teria origem em Nicolas de Cusa e significaria a união dos contrários em deus, um mistério sagrado. Também denominado por *Mysterium Coniunctionis* é freqüentemente utilizado por Jung e é identificável no mito do andrógono.

Para a história das religiões, a *Coincidentia Oppositorum* ou mistério da totalidade é discernível tanto nos símbolos, nas teorias e nas crenças referentes à realidade última [...] quando nas cosmogonias que explicam a criação pela fragmentação de uma unidade primordial. (Eliade, 1999. p. 80)

Os mitos deste gênero informam sobre uma unidade primordial que foi desfeita e sobre o processo de restabelecimento. A ordem do Universo e a atividade da criação dependem da *Coincidentia Oppositorum*. “Em certas culturas, em certos momentos históricos e para certas categorias de indivíduos, as implicações metafísicas da *Coincidentia Oppositorum* são claramente compreendidas e assumidas” (Eliade, 1999, p. 82).

O mito do andrógono é uma narrativa sagrada para os antigos e os ritos da androginização - hierogamos -, restabelece a unidade primordial. É uma via de se aprender

sobre Deus. O andrógono teria representado, na Antiguidade, uma situação ideal que se tentava atualizar espiritualmente por intermédio dos ritos - hierogamos; O andrógono ritual constituía um modelo; Simbolicamente representava, de acordo com Eliade (1999, p.103), a totalidade dos poderes mágicos-religiosos associados aos dois sexos.

Considerações finais

A temática sobre o arquétipo do casal revela-se abrangente. A crença neste modelo teria levado a sua exaltação entre vários povos. Este modelo afirma a sexualidade, o direito ao prazer e reforça papéis sociais como o de homem e mulher comprometidos com a manutenção da vida e daquele grupo social ou daquela comunidade ao que pertença.

Narrativas que reinavam antes da idéia de que o corpo seria um obstáculo para a elevação do espírito. Época em que a sexualidade estava ligada a vida espiritual, religiosa e sagrada; época em que o corpo não era visto como um objeto mais como um meio; época que o corpo era visto e vivido como santuário.

Após a análise desenvolvida, constatamos a existência de um mito universal que pertence à experiência filosófica, religiosa, histórica, social e política de muitos povos. O arquétipo do casal que se une para dar continuidade à criação da vida se revela presente em inúmeros mitos. Aparentando ter uma variante mítica nas histórias que registraram o encontro das esposas dos patriarcas Isaac, Jacó e Moisés.

Tendo na sua base mais primitiva a história de Adão e Eva e seu casamento aos pés do rio que sai do Édem e se divide em quatro braços. Casamento não apenas na perspectiva de homem e mulher, mas também entre o divino e a humanidade e todas as demais nuances e possibilidades que uma leitura baseada em diversos pontos de vista pode sugerir.

Há inúmeros exemplos de que a água teve ao longo dos tempos uma ligação com as coisas referentes ao sagrado, e que isso ocorreu em todos os continentes e com vários povos e culturas. Como exemplo, temos as várias fontes de água, encontradas no mundo todo, nas quais foram atribuídos poderes curativos, mágicos, milagrosos. Tornaram-se lugares de celebrações rituais, peregrinações, socorro em momentos de angústia.

É possível perceber que a simbologia do poço sagrado é rica e popular em diversos povos ao longo da história humana. Sua escolha como representação do sagrado teria como motivação a crença de que a água criou o mundo no começo dos tempos e que é a responsável por gerar a vida. O poço é comprovadamente um local sagrado para muitos povos, palco de inúmeras hierofanias. Sendo a fonte de água um representante da divindade e de manifestação de seu poder.

De forma nenhuma desconsideramos as inúmeras outras formas de análise e interpretação promovida anteriormente por pesquisadores, teólogos ou biblicistas. Este é apenas mais um olhar sobre o objeto do encontro as esposas dos patriarcas bíblicos. Um olhar influenciado pelos teóricos da hermenêutica simbólica, dando a sua contribuição para o entendimento de algo que é maior do que qualquer mente possa já ter percebido, que é o fenômeno religioso e suas diversas formas de apresentar-se ao homem.

Referências

- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos, ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOYARIN, Daniel. Israel carnal, lendo o sexo na cultura talmúdica. São Paulo: Editora Imago, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Atena, 1990.
- CASTRO, João José de (revisor). Bíblia Ave Maria. São Paulo: Editora Ave Maria, 2003.
- CAVALCANTE, Raissa. Mitos da água. São Paulo: editora Cultrix, 1998.
- DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- ELIADE, Mircea. O mito do eterno retorno. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercúrio, 1992.
- _____. Mentistófelis e o Andrógino, comportamentos religiosos e valores espirituais não europeus. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. Sagrado e Profano. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. Cultura imaterial e processos simbólicos. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, n 14, São Paulo, 2004, p. 139-151.
- GOMES, Eunice Simões Lins ; GOMES-DA-SILVA, Perre Normando. Malhação, corpo juvenil e imaginário pós-moderno. João Pessoa-PB: Editora universitária da UFPB, 2010b.
- JUNG, C. G. Psicologia e religião. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SCHOLEM, Gershom. A Mistica Judaica. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

Notas

¹ FERREIRA-SANTOS, Marcos. Cultura imaterial e processos simbólicos. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. n 14: 139-151. São Paulo, 2004. p. 144.